

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 19 de Julho de 1986 * Ano XLIII — N.º 1105 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Os «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Lisboa testemunham, na sua Festa, a comunhão entre os amigos da Obra da Rua e os rapazes das Casas do Gaiato.

Barredo

Foi em Abril que chegou esta carta de um jovem docente da Faculdade de Psicologia, mas não me veio a talhe mais cedo fazer-lhe referência. Vem hoje. Ei-la:

«Li em O GAIATO sobre o Barredo. Considero de importância recolocar esta questão, pois constato que as populações jovens do Porto (e até de fora) acorrem à Ribeira, utilizando-a como um lugar de lazer e de prazer (aumentam os bares e os pubs, multiplicam-se nestes os espectáculos musicais, etc.), aparentemente ignorando o contraste entre a vida que para ali transportam e a vida que ali se vive.

Não vejo mal nenhum nos espaços de lazer e de prazer. Sei-os úteis, desejáveis, indispensáveis. Mas interrogo-me sobre a ironia que às vezes o destino tem: a de levar para junto da miséria a abundância, para junto do sofrimento, o prazer — e é isso que acontece hoje na Ribeira, este contraste entre quem lá mora e quem lá vai.

Sou habitante do grande Porto e, como habitante, interesso-me pelo evoluir humano que me rodeia. Além disso, sou psicólogo e concebo o meu ofício como uma forma activa de estar no meio, de o ver, analisar e transformar.

As zonas degradadas dos locais onde vivemos, esperam, adormecidas, que as olhemos e utilizemos o pouco poder que possuímos para as transformar. Enquanto cidadão não ficaria quieto perante o Barredo; enquanto psicólogo, muito menos — porque o Estado gastou dinheiro a dar-me uma formação e, enquanto especialista do fenómeno humano, devo reflectir sobre este fenómeno e militar na sua transformação.

Nasci na Sé há vinte e cinco anos e é a Sé que escolho, hoje, como profissional do trabalho social, para objecto de estudo e sugestão — a autarquias, entidades, à população (informando-a) — de transformação.

O que lhe peço é simples: Onde posso encontrar a documentação que refere? E quanto ao seu conhecimento pessoal, que o partilhe. Sugiro-lhe que tente uma reflexão sobre o porquê da afluência da juventude da «média burguesia» a um espaço social «pobre», sobre esta ânsia de se misturarem a uma realidade nos antípodas daquela em que vivem..., o que é para mim um enigma.

Ponho-me igualmente à sua disposição para lhe dar conta da informação que também eu consigo, o que por ora ainda não possuo, pois só agora inicio a tarefa.»

Ora aqui temos um belo documento de um jovem, afinal também ele da «média burguesia», consciente e responsável perante um problema carregado de aspectos humanos que são o seu interesse. Trata-se de um moço que vive a sério a sua vocação profissional e se não quer ficar por espectador das realidades sociais nem estudioso dilettante delas, mas quer participar activamente num objectivo de evolução... para melhor, é evidente!

Quer porque deve — assim pensa e sente: «o Estado gastou dinheiro a dar-me uma formação e enquanto especialista do fenómeno humano, devo reflectir sobre este fenómeno e militar na sua transformação».

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.

SETÚBAL

● O GAIATO não se cansa de confirmar que as nossas Festas fazem a comunhão entre os amigos da Obra da Rua e os rapazes das Casas do Gaiato. É uma verdade que ressalta espontânea e evidente da experiência de quem partilha a Festa dos Gaiatos.

A merenda ou a ceia farta que os de fora preparam para os de dentro e o gozo espiritual com que os vêm comer, são uma exigência sentida por aqueles e carinhosamente posta em prática por um impulso natural. As Festas são, por isso, uma necessidade para promover e aprofundar a comunhão e uma oportunidade privilegiada de a saborear.

Os rapazes responsáveis foram inexcedíveis em generosidade, em esforço humano, e até, em contribuição económica. Não houve dificuldade que não vencessem! Jamais poderei esquecer a heróica disponibilidade de alguns. Estivemos em Algeruz, na sede do grupo desportivo; em Setúbal, no Cine-Teatro Luiza Tody; na Quinta do Anjo; na Sociedade Filarmónica, em Palmela; nos Loureiros; em Cabanas, também na Sociedade; e, em Águas de Moura, numa sala particular.

Um ambiente de calorosa simpatia envolveu sempre os gaiatos e em todas as localidades as salas se esgotaram ou pelo menos se compuseram.

Os rapazes trouxeram para a ribalta a figura, a Obra da Rua e o pensamento de Pai Américo, de uma forma naturalmente esquemática — mas sentida e empolgante! A Obra da Rua também são eles e a pessoa de Pai Américo está em cada um na medida em que realizam a sua doutrina, vivem o seu ideal e projectam os seus sonhos.

Gostaríamos de ter chegado a outras terras, sobretudo aos centros mais populosos da Diocese — mas o cansaço e a vida não o permitiram! Aguardaremos mais frescura para o ano que vem.

● A multidão dos pedintes à nossa porta tem diminuído um pouco. Talvez por causa do Verão e, com ele, algumas actividades económicas se reanimaram. Talvez. É verificação que não posso calar a quantos, de toda a parte, nos têm ajudado; contudo, ainda hoje deparei com um espectáculo que verdadeiramente

te fala por si: Três mulheres, mães de família, pedintes habituais da nossa porta desde que a fome aqui assentou arraiais, vieram com cinco crianças, a pé, de Setúbal a Algeruz. De suas casas, aqui, palmilharam mais de sete quilómetros. Comeram e enche-

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

A cidade de Coimbra vestiu-se de festa para celebrar a sua padroeira: Rainha Santa Isabel.

Foi há 30 anos, quando também a cidade estava a celebrar estas mesmas festas, que o Senhor veio buscar, para Si, Pai Américo. A semente morreu e tem sido fonte de Vida e de muitas vidas; vidas que não de continuar a ser — porque a Fonte está no Pai do Céu.

As festas da cidade também chegam até nós. Há poucas horas veio o organizador do rally automóvel combiar os

pormenores da prova final. Este ano a comissão quis terminar o rally no nosso campo de bola. Querem mostrar-nos a sua amizade e trazer-nos muitos amigos. O organizador que veio, hoje, é filho dum gaiato. Veio dizer-nos que trazem muitos bolos e muitas coisas boas para todos.

Disse-lhe que devia ser tudo espontâneo, tudo do coração e nada que impressionasse a negócio. Um dia grande de festa, em nossa Casa!

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O jovem casal mora numa baúca e sente, no corpo, as carências de habitação. Hoje, mais do que nunca, os Pobres revelam claramente o desejo de promoção social — indispensável à sua elevação espiritual.

A moça, que ainda recentemente deu à luz outro bebé, tem um aspecto débil. Mas, exclama: «*Graças a Deus posso dar de mamar ao meu filho!*» Alegria por dar o peito ao bebé, ainda que não tenha o preciso para se recompor...!

Ela cumpre o seu dever, heróica-mente: dá o sangue das veias (carecidas) ao filho que segura, ternamente, nos braços.

Não deixa de ser oportuno referir que não há leite como o materno — segundo os homens da ciência que sublinham a sua importância. Por isso, as jovens mães melhor reconhecem assim, e agora, o valor das antepassadas (em tempos de fome, sem leite condensado), que, não tendo quê, procuravam outras — amas, vizinhas — para amamentarem os bebés.

O jovem casal perora o arrendamento de parte dum edifício em construção: «*A nossa casa é uma piolhice...!*» Não será fácil! Aliás, conseguir moradia é como «*encontrar uma agulha no palheiro*»; melhor: é beneficiar da «*sorte grande*»!

Contámos o problema à senhoria — por mot dum preço acessível. Que não: «*São sete cães a um osso!*» Maior a procura do que a oferta! Adiantámos que tomaríamos a responsabilidade do pagamento antecipado de três meses d'aluguer. Outra vez que não: «*Temos muita gente pr'a atender!*»

Voltamos a repetir: Não fossem os Autoconstrutores, o problema habitacional, aqui e agora, seria uma calamidade.

No entanto, há novos Pobres que jamais poderão sonhar a construção da sua casa: por carências de toda a ordem, especificamente por falta de terrenos urbanizados, a preços acessíveis, etc.

Mais: Já que a maior parte da região é um dormitório do grande Porto, há muito deveria existir, por cá, a chamada *habitação social*. Neste aspecto, medidas as distâncias, o Património dos Pobres (pioneiro) continua na vanguarda, qual luz que alumia: é a última hipótese para os sem casa! Mas não chega para todos, não poderia chegar; tampouco a sua filosofia enquadra este ou aquele agregado que, mesmo com sacrifício, possa arrendar uma casinha.

PARTILHA — Assinante 33706, de Setúbal, acerta contas com O GAIATO e «*o restante* — sublinha — *para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, para o que for mais necessário*».

Assinante 17148, de Cardigos, lembra os Pobres com muito carinho. Outra presença habitual — assinante 26152, da Foz do Douro: «*1.000\$00 para serem entregues a uma viúva necessitada, que tenha filhos, por alma de minha prima. Esta oferta é*

em substituição de flores». Nós gostamos muito, muito, de flores. Mas quanto maior riqueza e oportunidade encerra esta substituição!

Mais uma oferta da assinante 35068, de Vermoim (Maia). Outra, da assinante 9151, de Belazaima do Chão. E outra mais: daquela senhora que aparece, quando pode, e faz sua romagem discreta. Agora, traz uma companheira dos bancos da Escola (que frequentámos) e deixa em nossas mãos a sua dádiva e duma amiga, também.

«*Uma assinante de Paço de Arcos*» cumpre o seu voto com «*saudações fraternas*». Assinante 25205, de Aveiro, partilha com os nossos Pobres e pede «*anonimato sempre*». É a *procição* dos Anónimos!

Mais 1.000\$00 do assinante 23618, da capital. O dobro da assinante 21884, de Vilar Formoso, correspondendo a notícias publicadas neste cantinho. Em Oliveira do Douro, o assinante 9790 reflecte sobre a perseverança no Bem: Que «*seja uma realidade para todos nós, mesmo nas horas mais difíceis da vida. E onde não estiver o Bem* — acrescenta — *que o Senhor nos ampare para que O busquemos como a Pedra mais preciosas*». Oração espontânea!

Um cheque da assinante 7505, de de Naugatuck (América do Norte): «*Que seja utilizado naqueles que mais precisam — e são tantos! — mas prefiro que seja para algum velhinho abandonado*».

A presença habitual do casal-assinante 11902, do Fundão. Idem, da assinante 31104 — toda ela generosidade! — com uma recomendação: «*Rezem por mim*».

Agora, vem lá uma pequenina *procição* de bons Amigos que lembram os nossos Pobres, deixando suas ofertas no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54, Porto: M. A. C. entrega cinco contos e lembra seu querido marido, que Deus tem, cuja memória jamais se nos apagará: «*Fui vicentina muitos anos. Hoje envio esta modesta colaboração para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*». A miga-lhinha de «*uma portuense qualquer*», — «*acrescida de um pouquinho mais*», no Dia da Mãe. Ainda nesse dia, outra presença da assinante 27022, do Porto, que manda um cartão muito simbólico com um aperto de mão e uma legenda: «*O Amigo que não falha*». O costume costumado da assinante 19177. Mais três notas sob anonimato. 700\$00 do assinante 16301, de Águas Santas.

Cheque do «*Manuel de Braga*» — para as Viúvas. Vale de correio e encomenda postal de Rio Tinto: «*Agradeço o favor de tudo ficar no anonimato*». Eis o valor!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PRAIA — Começaram as férias. O primeiro turno já está em Azurara (Vila do Conde). O edifício da nossa Colónia de Férias levou alguns arranjos antes de principiar a época balnear.

Os nossos companheiros estão a gozar um merecido descanso e a ter

sorte: o tempo está muito bom para tomar banho.

A época de praia é aquela que mais gostamos! E precisamos de nos mentalizar: gozar férias, hoje, é coisa que poucos se podem dar ao luxo de fazer...

DESPORTO — A equipa de juvenis continua a jogar frequentemente. É bom, pois desperta o interesse dos mais novos a participarem nos treinos de conjunto.

Defrontámos, novamente, o Vidraluz F. C. O resultado ficou em 3-3. Espelha bem o que se passou no terreno. Houve muito equilíbrio a meio campo com os avançados a serem as vedetas do jogo, apesar de esbanjarem muitas oportunidades de golfe certo.

Agradecemos a esta equipa, de Penafiel, pois é já a segunda vez que nos defronta.

A equipa principal continua a participar, com êxito, no torneio de futebol organizado pelo F. C. Paço de Sousa.

Desta feita, a vítima foi o «*Vau*». Saiu copiosamente derrotado por 8-1.

Dominámos o jogo do princípio ao fim e não demos oportunidades ao adversário.

AULIAS — Acabou o ano lectivo. Os estudantes, em nossa Casa, são quase privilegiados...

Este ano o aproveitamento não foi muito famoso. No Secundário poucos transitaram de ano sem negativas, tanto os diurnos como os nocturnos, passando pelos da Telescola.

Muitos transitaram com uma ou duas negativas.

Vamos fazer muito esforço para que no próximo ano as notas sejam melhores.

AGRO-PECUÁRIA — A nossa vacaria está cada vez mais rica! Recentemente, chegaram seis vacas e, agora, mais cinco da Casa do Gaiato de Setúbal. Temos vinte e duas a dar leite, neste momento!

O nosso milho está a crescer. Nos campos «*novos*» está grandinho.

Também a vinha já tem cachos a despontar. As pereiras, macieiras e ameixoeiras cheias de fruto — que não tarda a amadurecer...

É um prazer ver as nossas árvores carregadas para saborearmos a fruta!

Ludgero Paulo

Lar de Coimbra

ANO ESCOLAR — As aulas terminaram bem. Cada um, conforme as possibilidades, aproveitou da melhor maneira tudo o que nos foi oferecido, dia-a-dia, em cada período de aulas.

A Cooperativa de Ensino de Coimbra tem continuado a receber-nos da melhor maneira. Muita generosidade para conosco: preocupando-se com o desenvolvimento de cada um; olhando e compreendendo as carências que cada qual acarreta; dando, até, a melhor atenção e carinho, pois todos necessitamos e é a partir daí que surgem as energias para o resto.

Terminou, portanto, mais um ano de estudos naquele estabelecimento de ensino. Um obrigado forte.

Mas nem só do estudo, de lições na CEC vivemos; também na família onde estamos inseridos.

É através da pedagogia de Pai Américo, no Espírito de Deus, que conseguimos viver em família. E com valores profundos. Nesses valores crescemos, conhecemos e vamos apetrechados para a vida. Quer dizer: além do estudo, ao sentirmos que estamos a ser ajudados, valorizamos-nos interiormente, através da educação.

Realmente, também isso aconteceu.

O nosso aproveitamento deve-se a esse esforço, durante o ano, no nosso crescimento.

Só dois daqueles que chegaram ao fim tiveram aproveitamento escolar negativo. E tudo o tempo levou. Fazer melhor, só no próximo ano. Haverá força para mais e melhor.

Portanto, dos vinte que frequentaram as aulas, dezoito estarão em ano diferente.

Fica o desejo de boas férias e melhores dias, com um futuro sorridente. Aqueles que ficaram para trás, terão que reconhecer o que andou mal e recuperar com novos conhecimentos a adquirir.

Guido

Miranda do Corvo

VIDA COMUNITÁRIA — É com grandes dificuldades que, hoje em dia, uma família pode adquirir diariamente uma certa variedade de bens essenciais à alimentação.

Assim, como é do conhecimento dos leitores, a nossa família faz parte de um todo, que, dentro de certos limites, nos permite desfrutar de algo muito importante para o nosso desenvolvimento físico e intelectual: o pão.

Dentro das muitas actividades realizadas em nossa Casa, cito apenas algumas para dar conta da nossa azáfama diária:

O grupo dos «*Batatinhas*», agora aumentado com uma nova pérola (o Hugo, de quatro anos), encarregado de zelar pela limpeza exterior da nossa Casa. Os «*Batatinhas*» varrem as ruas com vassouras feitas de mato, apamham o lixo... Valdemar, o chefe, tem tomado conta do recado e sentem-se felizes.

Se passarmos à secção dos animais vamos dar com o «*Sherife*» e o Cardoso a tratar do gado, das galinhas que dão ovos todos os dias para comermos, e dos frangos, para que, chegada a matança, também os possamos saborear na mesa. Os porcos ainda são pequenos e poucos, mas esperamos que venham a aumentar a família, brevemente. E as vacas que dão o leite para bebermos, todos os dias, ao pequeno-almoço, o que nos agrada muito.

Um pouco mais ao lado encontramos o Alcides, o nosso padeiro. Cose pão, de dois em dois dias; umas vezes, melhor, outras um pouco mais torrado, mas sabe sempre bem. E como esta época não nos deixa parar no campo, foi destacado um grupo de regadores para não deixarem as sementeiras morrerem à sede (e não são poucas!).

Acabam de regar numa ponta — e quase podem começar na outra... Está muito calor e a terra seca rapidamente.

Por falar em calor, e como terminou o ano escolar, alguns já seguiram para a praia. A nossa época balnear prolonga-se por cerca de mês e meio, dividida por turnos. Que saibam aproveitar bem as férias!

Voltando a Miranda do Corvo, falemos do grupo dos mais velhinhos que estão nas oficinas: serralharia, carpintaria e, mais recentemente, a tipografia, com o intuito de darem formação profissional aos rapazes, não os excluindo de outros serviços que porventura possam aparecer.

Depois deste panorama muito reduzido sobre as actividades em nossa Casa, é mais fácil compreender a alegria que cada um sentirá ao chegar à mesa e saborear o que cultivou com o suor do rosto. Mas não há dia em que cheguemos ao fim e não digamos: graças a Deus!

João Paulo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O Fernando fez a Comunhão. Todos nós, confiados, ficámos felizes. O casal com seis filhos e salário pequeno, disse que seu filho não ia à Comunhão, pois não podia comprar a roupa. Então, arranjámos: calças, blusa, sapatos e até um lacinho (5.500\$00). Não foi a parecer mal, graças a Deus. Se vissem a carinha dele com uma alegria que contagiava!

O Senhor, muito obrigado por nos teres colocado no seio desta família. Muito se recebe e pouco se dá.

Amigo que nos lês e tens mandado do teu pecúlio: alegra-te também por que participastes nesta alegria.

TENHA O SEU POBRE — «*Cá estou, como de costume, a enviar a minha pequenina oferta para ajudar os vossos Pobres: 500\$00 para a Conferência do Lar do Porto e mais 100\$00 de senhora amiga.*» É a assinante 19177, do Porto. 1000\$00 duma anónima. «*Peço desculpa de ser pouco. Para a Conferência do Porto: 200\$00.*» «*Avé Maria pelos meus problemas e de saúde dos meus. Que Deus nos ajude! Uma Viúva.*»

200\$00 para os Pobres do Lar do Gaiato do Porto, «em honra e acção de graças ao Sagrado Coração de Jesus e Maria» — assinante 19109.

Anónima, de Monte Gordo, 1000\$00: «*Em acção de graças por Deus ter permitido a realização do sonho de um casal unido há trinta anos.*» O desejo desta anónima será cumprido.

Do Porto, assinante n.º 20, 5000\$00 para a Conferência S. Francisco de Assis. De uma Viúva, 200\$00, mais nupa. De Lisboa, Helena com uma pequena ajuda para agasalhos: 1000\$. Anónima, 1000\$00. Da assinante 35968, 400\$00.

Donativos entregues no Montepio Geral para a Conferência do Lar do Porto: Noémia, 1.500\$00; M. Pereira e Amigos 10.000\$00.

Bem haja a todos pela ajuda que nos dão.

Madalena

AQUI, LISBOA!

«Não atires pedras às telhas dos mais, que as tuas também são de vidro». (Pai Américo)

É sempre com o coração dilacerado que deparamos com numerosos grupos de mulheres espalhadas pelas estradas do País, sobretudo as mais concorridas, de Norte a Sul, dedicadas àquilo que, eufemisticamente, se convencionou chamar «a mais antiga profissão do mundo»: a prostituição. O mesmo se diga no que concerne às chamadas regiões turísticas, nomeadamente o Algarve, e aos grandes centros, como Lisboa e Porto, entre outros. Só na Capital há quem compute entre 15 a 20 mil o número de mulheres abrangidas pela «escravatura branca», procurando os mais variados locais, desde as matas de Monsanto à Avenida da Liberdade e aos Restauradores, passando pelas zonas dos Anjos, do Intendente, do Martim Moniz, do Conde Redondo, Cais do Sodré, etc.

Não julgamos ninguém, pois «se nós apedrejásemos crimes em vez de criminosos, seríamos mais justos e menos agressivos». O que não podemos é ficar insensíveis ante a degradação humana que representa a venda do corpo de muitas Irmãs nossas, problema agravado a partir de 1974, o que levou, há anos, um senhor ministro a justificar como sendo o preço da democracia...

Supomos que ainda está em vigor o Decreto-Lei n.º 44597, de 1 de Janeiro de 1963, pelo qual foi proibida a prostituição no País. Mas mais do que proibições importa procurar soluções para as causas dos males, com medidas preventivas adequadas, ou acções curativas ou de formação.

Fácil é descortinar que no cerne da prostituição estão fundamentalmente razões económicas, de falta de emprego ou de necessidade de sustentar os filhos, de lares destruídos ou de mães solteiras, ou para amparar familiares: pais envelhecidos ou irmãos mais novos, carecidos de auxílio. Deslises ou aventuras levam, por outro lado, muitas jovens a «desaguar» nos grandes centros, nomeadamente em Lisboa, completamente sós, sem ocupações ou quaisquer amparos, ao sabor fácil dos engajadores. Uma elevada taxa de analfabetismo é presente na camada de gente que «anda na vida» e, dum modo geral, a sua origem tem raiz em meios pobres, quando não miseráveis. Acresce ainda a ausência, quase sempre, de qualquer formação profissional, o que, com outros factores, impede uma recuperação fácil, para não falar já da «muralha» que se opõe à reintegração social por parte do resto da sociedade, dita de bons costumes e de recta consciência.

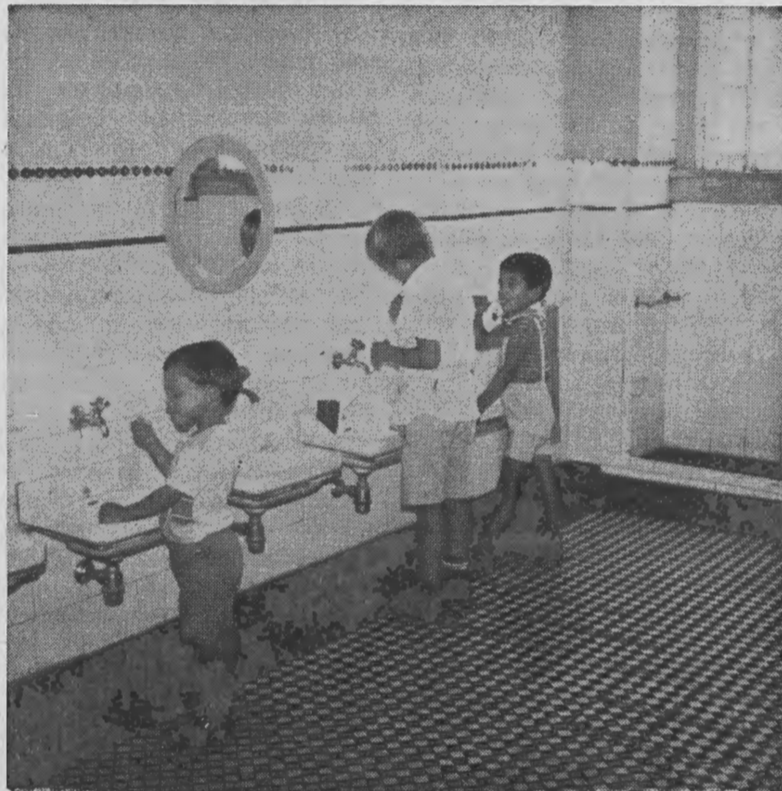
Enquanto o viço da juventude permanecer, o que não

pode demorar muito tempo por razões óbvias, há ainda quem usufrua chorudas verbas. Chegadas aos trinta anos ou pouco mais, tudo se complica, quando não aparecem os conhecidos «rufiões» a exigir, sob pena de maus tratos, importâncias elevadas, num parasitismo inconcebível. Sem «fregueses», envelhecidas ou encarquilhadas, muitas destas pobres mulheres lançam-se de precipício em precipício, nos maiores abismos, como o das perversões sexuais.

Muitas destas Irmãs bem gostariam de levar uma vida normal, mas, uma vez apanhadas nas teias da prostituição, difícil é, pelas dificuldades en-

contradas, reocuparem o lugar a que têm direito e que, no fundo, desejariam alcançar. Outras mulheres, a outros níveis, que deixam muito a desejar pelo seu comportamento, porque se prostituem de modos mais sofisticados, são consideradas como «gente fina» e têm mais defesas e aceitação social. O mundo em que vivemos é assim, atroz nas secas discriminações e injustiças.

Poderíamos falar nestas colunas de situações ou de casos aflitivos de crianças, vítimas inocentes de todos os tipos de problemas ligados à prostituição. Não o fazemos por respeito e por não desejarmos que, amanhã, já jovens ou adultos,



Outro grupo de «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Lisboa

Cont. da 1.ª pág.

Quem dera que este sentido de justiça, esta consciência do dever de retribuição pelo que nele foi investido, fosse uma vulgaridade! Que o fosse a todos os níveis! Mas não, por mal nosso não é! Quantos (a muitos níveis!) quando muito, pensam na produtividade daquilo que neles investiram em sentido pessoal. Este pensa num rendimento social de que é devedor à comunidade que lhe proporcionou uma formação profissional que deveras o apaixonou.

Esta uma primeira e importantíssima valia deste depoimento.

Mas o sentido de justiça revela-se mais profundamente no choque que lhe causa «a ansia de tantos jovens se misturarem a uma realidade nos antípodas daquela em que vivem», «devendo para junto da miséria a abundância, para junto do sofrimento o prazer» — «este contraste entre quem lá mora e quem lá vai».

Ele também lá quer ir, mas não para se misturar. Vale aqui, no domínio das ciências

humanas, a distinção de conceitos que a ciência Química faz entre mistura e combinação. Ele quer-se combinar com aquele povo na justa medida em que possa conhecê-lo para o ajudar à necessária transformação.

Ele é verdade que, hoje, felizmente, já não existe ali, tão extremado, o contraste entre a abundância que vai e a miséria que mora; mas há ainda resquícios desta — e tal nenhum valor tira à preocupação do nosso correspondente, aliás oriundo da Sé onde o grau de miséria e de sofrimento é ainda calamitoso como dez anos atrás era na Ribeira.

Outro ponto importante da sua atitude: Ele não se fica olhando platonicamente uma situação nem deixa cair os braços diante do seu «pouco poder», o que, mesmo pouco, quer utilizar, «sugerindo a autarquias, entidades e à população» os conhecimentos que o seu estudo produz em ordem à transformação do meio. O seu

possam ver-se retratados nestas linhas.

Para finalizar, não desejáramos deixar de assinalar o trabalho feito, sabe Deus com que sacrifício, pelas Irmãs do Bom Pastor e de outras Congregações Religiosas, em favor da recuperação das raparigas ou mulheres afectadas pela chaga social apontada, nomeadamente das mães solteiras. Auxiliar uma tarefa destas é obrigação dos que podem. A adúltera do Evangelho deve ser motivo de reflexão e, para os cristãos, em particular, não existe outra alternativa ao procedimento do Mestre: «Ninguém te condenou?» Ela respondeu: «Ninguém, Senhor». «Nem Eu te condeno», voltou Jesus. «Vai e doravante não tornes a pecar.»

P. S. — A Associação «O Niño», que nasceu em França, merece aqui uma referência particular. Dedicada ao trabalho de apoio e de recuperação das mulheres caídas na «escravatura branca», desenvolve a sua acção nos grandes centros do País, carecendo de meios e de gente para trabalhar em regime de voluntariado. O seu endereço em Lisboa é: Rua Actor Taborda, 30, 3.º, D.to — 1000 Lisboa, telef. 530273.

Esta nota, se nos é permitido, mais não representa que uma simples mas sincera homenagem à memória do Padre Abel Varzim, grande apóstolo do sector; e a nossa profunda solidariedade às pessoas que desenvolvem o trabalho difícil, mas de incomensurável interesse, naquela Associação.

CAPELA — Prometemos para o próximo jornal novidades. Tudo se conjuga para que se torne realidade. Nossa Senhora da Conceição, debaixo de cuja protecção se coloca, vai ajudar-nos a todos, de dentro e de fora.

Padre Luiz

BARREDO

comportamento ansioso de actividade transformante que o dever profissional lhe dita, responsabiliza os que têm muito mais poder que ele: Governo, Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, Entidades privadas com afinidades nos problemas da zona e a própria População que de modo algum pode ser dispensada do seu papel activo no evoluir da zona. A População, sim, tem um poder próprio, ordinário, que deve exercer habitualmente e não apenas em tempos explosivos de revolução. Há que informá-la disso e formá-la no sentido de a levar às transformações físicas e humanas dos espaços degradados com a parte de esforço que lhe compete. Passiva é que não!

Por aqui me fico, que este já vai longo; na certeza, porém, de não ter esgotado o potencial da carta deste jovem psicólogo.

Oxalá estas linhas cheguem ao conhecimento dos que detêm mais poder do que ele e lhes sirva de estímulo ao desengastar de acções que, por sua

LAR OPERÁRIO DE LAMEGO

O Luís faz parte dum grupo de nove irmãos. Está no meio: quatro são mais velhos e quatro são mais novos. O pai morreu e a mãe é muito doente. Não têm casa. Hoje, perguntamos onde moram e indicam o nome dum localidade; mas na próxima semana já se encontram noutra lugar.

Veio para o Lar de S. Domingos há mais de três anos, juntamente com outro irmão — o Paulo. Os demais irmãos também se espalharam por diversas famílias.

O Luís vinha marcado com as vicissitudes familiares: Não falava, não ria, não brincava e mantinha sempre os olhos presos ao chão.

Eram más as informações sobre o aproveitamento escolar. Sempre calado, mantinha, todavia, a preocupação de «fazer os deveres» da Escola. Passou parte das férias grandes com uma família amiga. Quando regressou, vinha outro. Todos deram conta.

No princípio do novo ano lectivo, as informações ainda não vinham animadoras. Passaram os dois primeiros períodos e a professora manda dizer que o Luís necessita do bilhete de identidade, pois vai frequentar o Ciclo Preparatório. Os livros já estavam pagos, mas, agora, com o bilhete de identidade é preciso dinheiro para fotografias e demais formalidades. — Quem paga?

Chama-se o irmão mais velho, que também vive connosco, e repete-se a pergunta: — Quem paga as fotografias?

Com os olhos cheios de água e em voz quase sumida, diz: — O sr. Padre tem de fazer as despesas todas, pois a minha mãe nem para comer tem!

Acreditei. Tudo ficou em ordem. Depois vem outra notícia. Foi o próprio Luís que informou cheio de alegria: — Vamos fazer uma casa!

Isto é verdade. Conseguiu-se terreno oferecido; começaram a tratar das formalidades municipais; há uns escudinhos juntos e vamos tentar reunir a mãe e os filhos.

Não podemos chamar milagre ao acontecimento, mas podemos acreditar na força do Amor e na grandeza da maior das virtudes. Hoje, todos se queixam da carestia da vida, da falta de artistas, do preço dos materiais. Concordamos que é assim, mas a casa do Luís, da mãe e dos irmãos, vai ser uma realidade porque tu também assim pensas e desejas.

Padre Duarte

vez, reanimem este e despertem outros jovens para tão saudáveis inquietações.

Que, se de bares e de pubs está o Barredo farto, também a comunidade o está da juventude frívola que os enche.

Padre Carlos

O livro CANTINHO DOS RAPAZES

* Uma «pérola preciosa»

Não vem dia ao mundo que não saiam de nossas Casas — pela mão dos leitores ou pelo correio — livros de Pai Américo, principalmente o CANTINHO DOS RAPAZES, ora na crista das ondas: «pérola preciosa» na expressão do assinante 27153, de Vila Nova de Gaia.

Aliás, nunca como agora se dispôs a vida, a nossa vida, para maior eficácia e rapidez na satisfação dos pedidos!

O CANTINHO DOS RAPAZES tem características muito próprias. E apesar de dirigido à juventude, motiva também os adultos: pais, encarregados de educação, professores — um mundo de pessoas com responsabilidades pedagógicas que se dispõem a ser ressonâncias da Mensagem explícita na obra. Até porque — diz o assinante 12087, de Queluz — «reconheço que o CANTINHO DOS RAPAZES interessa a todos, é para todas as idades; é luz, caminho e meditação ao nosso alcance». De tal modo que num local onde o livro fora contestado, pela pseudo-modernidade sem norte, os próprios interessados — os jovens — pegam na obra, em pacífica réplica levam-no religiosamente para

suas casas para melhor refletirem e saborearem. Depois, nas aulas, é Fogo a crepitar — explosões de Sobrenatural!

Que diria Pai Américo, nestas circunstâncias!?

Continuemos a dar a palavra aos leitores, que a nossa prosa não pode ofuscar a verdade que transparece. O valor das obras de Pai Américo está na proporção da receptividade do público a quem são dirigidas.

Assinante 6075, de Lisboa:

«Tenho andado a saborear, todos os dias, o CANTINHO DOS RAPAZES para voltar a ler e a pensar que tantos meninos... precisavam desta Escola de Vida.

Tudo neste livro me choca. Tenho-o marcado na página 150, que leio vezes sem conta como se fosse uma Oração.

Mais teria para dizer: toda a ternura que vai no meu coração...»

Évora:

«Obrigado pelo CANTINHO DOS RAPAZES. É mais uma «lareira» onde podemos aquecer o «frio» que muitas vezes invade os nossos corações.»

Assinante 5580, de Monção: «No mundo egocentrista em que vivemos, O GAIATO, os livros do Padre Américo — agora o CANTINHO DOS RAPAZES — são como uma «pedrada». Se todos conseguíssemos ter acesso, se todos léssemos o Padre Américo como seria diferente este mundo e que feliz ele se sentiria!»

Assinante 20098, do Porto:

«Inúmeros afazeres não me permitiram, ainda, ler o CANTINHO DOS RAPAZES. Espero fazê-lo aquando de férias, pois não poderá ser lido apressadamente. Tal como os outros, o seu conteúdo requer uma longa reflexão. Obrigado pelo abanão que esta leitura nos dará.»

Assinante 32019, de S. Romão (Seia):

«Agradeço o CANTINHO DOS RAPAZES. Só tenho pena de não poder ir de porta em porta mostrar às pessoas os livros do Padre Américo, O GAIATO, etc. Mas tenho a minha mãe de cama, uma irmã deficiente mental e a minha saúde não é muita. Por isso, rezamos e oferecemos os nossos sofrimentos por vós...»

A melhor parte!

Recentemente saíram do prelo mais duas reedições: o 1.º volume do PÃO DOS POBRES e o 1.º volume do ISTO É A CASA DO GAIATO. Estão ao vosso dispor.

Agora, ultimamos um novo título, de Pai Américo: NOTAS DA QUINZENA. Outro livro que recolhe mais uma grande parte do espólio que deixou n' O GAIATO sob essa epígrafe. Assim, ficará reunido para sempre e para satisfação dos nossos Amigos.

Júlio Mendes

Setúbal

Cont. da 1.ª pág.

ram os seus sacos. Inesperada e urgentemente tive de ir à cidade duas vezes, passando por elas, sem as poder transportar! Observei, quando da última vez regressava e me cruzei com o grupo próximo da cidade, uma delas esquelética e anémica que trazia ao colo duas crianças, uma em cada braço. O calor apertava. A tarde ia no seu meio. Ninguém lhes dera boleia. Até eu passara por elas, pressionado pelas minhas urgências. É preciso que a fome seja negra para obrigar as pessoas a sacrifícios destes!

Tinha razão S. Bento quando recomendava aos discípulos que se ajoelhassem sempre diante dos Pobres! Ele há grandezas que nos obrigam a curvar-nos diante delas!

Padre Horácio

Padre Acílio

Visitas

Falo das visitas organizadas pelas Escolas Primárias, do Ciclo Preparatório e Secundárias que trazem à nossa Aldeia de Paço de Sousa, milhares de crianças, adolescentes e jovens neste período do ano lectivo, há pouco acabado. Os professores e professoras acompanham. Normalmente escrevem, antes, a prevenir; não que seja necessário, pois somos a Porta Aberta.

Ficamos felizes com estas presenças. Mais felizes ainda pela oportunidade de dar o muito que temos para oferecer.

— Foi o momento mais lindo do nosso passeio!, dizem uns.

— Tínhamos ouvido falar, mas não sabíamos que era assim...!

— Tudo isto é tão lindo!...

— Fechamos o nosso passeio com chave de ouro, dizia um grupo, depois de quase um dia inteiro a andar por um lado e por outro...

Normalmente, estes desabafos saem depois do encontro em que estamos juntos, quase sempre na Capela, lugar aconchegado sob o olhar d'Aquele que está no Sacrário, com o tumulto de Pai Américo a lembrar sua presença, hoje, com outros tempos.

Se este lugar é um postal que ficaria bem em qualquer parte do mundo, queremos revelar aos que nos visitam a mensagem escondida debaixo da beleza das construções de granito; das árvores espalhadas ao longo das ruas da Aldeia; dos recantos que fazem o bem-estar dos que aqui vivem.

Pai Américo, um dia, ao contemplar a Aldeia da varanda da casa-mãe, não se conteve, maravilhado, pequenino, confundido com o que via e desabafa: «Ai, se eu soubesse no que ia dar quando comecei... não teria começado!» Referia-se, naturalmente, à Obra que começou, precisamente sem saber no que ia dar.

É uma característica das Obras de Deus. Começam sem que o seu autor humano saiba hoje o que será amanhã; sem contornos bem definidos... Vai fazendo... Vai dando um passo... Depois vem outro e assim por diante, até chegar à maravilha de ficar confundido, como a criança maravilhada diante da surpresa de um presente que não adivinhava.

Com Pai Américo sucedia o mesmo: «Se eu soubesse não teria começado!» Não via proporção entre a causa e o efeito. Aquele que procura viver, o mais que pode, dando-se, es-

quecendo-se, queimando-se, dá-se de frente com a grandeza do dom de Deus e faz a experiência da sua pequenez. — Como foi possível? É a pergunta espontânea de quem caminhou sem limites e, por isso, avança.

Mensagem escondida de Fé, de muito Amor, de Esperança que não admite dúvidas, por detrás de tudo o que os olhos vêem na visita à nossa Aldeia.

Por isso, é um momento feliz o encontro com estes grupos que nos visitam.

Depois, vêm as listas com assinaturas d'O GAIATO — em retribuição da visita que nos fizeram. Com O GAIATO todos os quinze dias podemos entrar nas casas dos nossos visitantes. É a retribuição agradecida.

Regressam, depois, mais enriquecidos a suas casas. É semente lançada que há-de germinar a seu tempo.

Acredito na Força do Bem. O Mal está organizado. E que organização! Mas a Força do Bem pode mais. Acredito! Pai Américo acreditou e, por isso, fez.

Aquela jovem, de 18 anos, que há tempos escrevia uma carta rica de beleza, depois de passar pela nossa Casa a pedir para passar algum tempo com os mais pequeninos, porque precisam de muito carinho, cumpriu o seu desejo. Logo que terminaram as aulas apareceu. Durante quinze dias ininterruptos deu-se ao Júlio, ao Bruno, ao Quintino e a outros «Batatinhas».

— Estou ótima!, era a resposta, todas as manhãs. Discotecas, vida frívola, inútil e enjoada; tempo perdido, em idade privilegiada para procurar ser mais; tudo isso foi trocado pela pérola preciosa dos mais pequeninos da nossa Casa. Eles continuam a perguntar por ti, Dolores! Que vivas, agora, de novo, no teu mundo, da felicidade que semeaste e colhas os frutos na doação, sem medo, da tua vida, a um ideal grande que Deus já pôs diante de ti.

Padre Manuel António

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e o endereço em que recebe as nossas edições.



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

Quase ao mesmo tempo chegou um casal de Coimbra. Conhecer-nos pelo jornal. Nunca tinham vindo a nossa Casa. Muito discretos e interessados. Entregaram sua oferta e despediram-se com muita simplicidade, aceitando alguns dos nossos livros. Um sorriso feliz acompanhou a nossa despedida.

Logo de manhã chegou o nosso João (tipógrafo) para ajudar a acabar um jornal na fotocomposição. São filhos mais velhos que vêm ajudar a criar os mais novos.

Ainda de manhã uma excursão parou a ver os nossos pequenitos a arrancar ervas no milheiral da quinta. Foi um quadro de muita beleza e ternura: «Tantos meninos e todos a trabalhar. Que coisa tão linda!» Deixaram suas ofertas ao chefe do grupo e seguiram.

Antes do almoço chegou o jovem Engenheiro que gerou, no coração, grande parte da construção da nossa tipografia. Trazia o carro carregado com ofertas dum Amigo: sacos de feijão e calçado e roupas e outras coisas. Qualquer dia vem trazer mais. A Juliana levou os nossos beijinhos para a mãe e para a mana.

A tarde vieram pessoas do povo de S. Romão. Quiseram ver tudo e despediram-se com gratidão.

No fim do jantar chegou o «Engenheiro dos cravos» com

a esposa e, os três filhinhos. Vieram trazer três caixas de morangos. Consolámo-nos a comê-los na sala de televisão onde já estávamos.

Era já ao anoitecer quando chegou o grupo de jovens de Vale Corvo (Bombarral). Uma avaria na camioneta atrasou-lhes a viagem. As horas que tinham para estar conosco tiveram de ser muito abreviadas. Traziam muitas perguntas sobre Pai Américo e sua Obra e grande desejo de contactar e de conviver com os rapazes. Consolaram-se de trazer ao colo e às cavaleiras os mais pequeninos. Disseram que a nossa Casa é maravilhosa. Nas oficinas quiseram ver todas as máquinas. Na tipografia admiraram os trabalhos feitos e viram a secção de fotocomposição. Perguntaram se tinham muito trabalho e dissemos que, ontem, enviámos uma encomenda para advogados amigos, de Guimarães, e outra para um comerciante amigo, do Luso.

Muitos beijos dos pequeninos. Fizeram assinaturas d'O GAIATO e foi a despedida. Um grupo muito alegre à volta do pároco que é pastor.

Foi este o nosso dia de hoje no contacto com os que vieram de fora. Um dia muito cheio de gestos de amor — gestos de bondade como os da Rainha Santa. Vimos a alegria estampada no rosto de todos. Que belos e saborosos são estes dias!